



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

GÊNERO E SEXUALIDADE: UMA QUESTÃO HETERONORMATIVA NA ESCOLA PÚBLICA DO ENSINO MÉDIO EM MACEIÓ-AL

Beatriz Araújo da Silva

UFAL- araujobeatriz09@gmail.com

Lígia da Silva Santos

UFAL- ygyalavigne.ligia@gmail.com

Pâmela Tamires Bezerra Ferreira da Silva

UFAL- pamelaufal@hotmail.com

RESUMO: O presente estudo consiste em uma pesquisa etnográfica realizada em uma turma do Ensino Médio de uma escola pública de Maceió-AL, objetivando compreender as experiências vivenciadas pela categoria juvenil acerca dos aspectos de gênero e sexualidade. O trabalho é fruto de uma pesquisa bibliográfica a qual consiste-se no embasamento teórico sobre o conceito de identidade sexual, análise da heteronormatividade e os embates/ debates sobre a homofobia. Contudo, com o estudo e literatura consultada, constata-se que a realidade vivida pelos alunos homossexuais nas escolas é retratada pela violência simbólica o que conseqüentemente provoca a autonegação das identidades dos alunos no espaço escolar.

Palavras-chave: Jovem, Escola, Ensino Médio, Homofobia, Heteronormatividade.

1. Introdução

A escola encontra-se constituída por valores baseados em vivências rotineiras pela (re) produção da intolerância e preconceitos voltados ao multiculturalismo existente no espaço social. Diante disso a diversidade étnicoracial, religiosa e sexual dos sujeitos pertencentes a este espaço, tornam-se cada vez mais reprimidas.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Nesse sentido, ao abordar a identidade sexual, o constante confronto de pensamentos, atitudes e percepções entre os adolescentes e jovens, causados pela influência dos aparelhos ideológicos e os diversos embates vivenciados também no âmbito escolar, percebemos que os mesmos são induzidos a se autonegarem, ou seja, de discriminados passam a se auto discriminar, na tentativa de evitar e/ou diminuir os confrontos causados pela não aceitação da diversidade.

O conceito de uma identidade de gênero, que abre caminho para a identidade sexual é analisada através da instituição da heteronormatividade, e a partir deste conceito enfocamos no surgimento da homofobia. Já a violência simbólica é analisada dentro da homofobia internalizada através do medo inicial de si mesmo, constituído pelo fato de negar a vontade recém-descoberta com medo da sociedade e do julgamento do outro.

Em seguida, abordaremos a função histórica da escola e a relação deste espaço na questão de gênero dos sujeitos na sociedade ao longo dos anos e recentemente acerca da identidade sexual destes. Partindo desse viés, será analisada uma turma de jovens do 1º ano do Ensino Médio de uma escola pública de Maceió-Al, a qual apresentava uma enorme diversidade em sala de aula, principalmente no que se refere a sexualidade dos alunos. Diante disso, o preconceito existente na sociedade ultrapassava os muros da escola, no sentido em que neste espaço eram presenciadas diversas atitudes etnocêntricas e preconceituosas em torno dos jovens e suas respectivas identidades sexuais.

Também será apresentado um projeto aplicado durante as aulas de sociologia, com o intuito de combater a discriminação acerca da identidade sexual existente entre os alunos. Para finalizar será apresentado os resultados e análises do projeto aplicado.

2. O jovem e os estereótipos da sociedade: Entre a hetenormatividade e a homofobia



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Ao analisar o jovem e a sua relação na sociedade contemporânea, percebe-se a preocupação destes sujeitos em relação à imagem e a representação de suas características físicas e comportamentais. Tal apreensão deve-se as diversas expressões e pensamentos que são veiculados socialmente, seja através dos meios de comunicação, conversas formais e/ou informais, carregadas de juízos de valor, sendo estes convergentes ou divergentes aos dos jovens, mas que de certa forma os influenciam perante as suas atitudes.

Nesse sentido, os reflexos da sociedade vigente também abordam o enfoque de questões direcionadas ao gênero e a sexualidade, visto que ao longo da história a identidade sexual humana tem sido apresentada por períodos de privações, intercalados na participação de diversas culturas. Partindo desse viés, a população heterossexual prevalece em detrimento dos homossexuais, uma vez que os sujeitos considerados héteros sempre dependeram de uma estigmatização e subalternização das identidades homossexuais para se consolidar como norma social, no qual tanto na comunidade informal quanto formal direta e/ou indiretamente, o sujeito desde criança é marcado por imposições acerca de relacionamentos, onde estes devem seguir os estereótipos de relação afetiva apenas entre sexos opostos.

Áries (1981, p.5) ao realizar um panorama das crianças e adolescentes nas sociedades tradicionais revela que “A criança aprendia as coisas que devia saber ajudando os adultos a fazê-las”. Diante disso, compreendemos o quanto a visão da sociedade, desde os tempos remotos, trás uma imposição acerca dos pensamentos e atitudes dos sujeitos, numa forma de reprodução de ensinamentos, sejam estes através do senso comum ou da alienação propriamente dita e que estão estreitamente ligadas aos paradigmas sociais, tradicionais e ideológicos do Estado.

O autor complementa que a família tinha objetivo de preservar tais valores sociais, como podemos observar nas palavras do mesmo:

Essa família antiga tinha por missão - sentida por todos a conservação dos bens, a prática comum de um ofício a ajuda mútua quotidiana num mundo em que um homem, e mais ainda uma mulher isolados não podiam sobreviver, e ainda, nos casos de crise, a proteção da honra e das vidas. (ÁRIES, 1981, p. 5)



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Os jovens ao partilhar atitudes preconceituosas e etnocêntricas acerca da sexualidade trazem consigo os paradigmas da chamada heteronormatividade que é carregada com estes desde a infância, onde para ser normal e aceito na sociedade deve-se ser heterossexual. Dessa forma é crescente o número de adolescentes e jovens com olhar preconceituoso aos que se diferem desta norma. O medo irracional pelo diferente, não é a única causa desta oposição à homossexualidade, já que esta atitude pode também provir de ensinamentos de deformação ou de ideologia.

Os estereótipos negativos são refletidos nas atribuições dos valores dados a cada grupo existente, alimentando com isso o preconceito existente, principalmente no que se refere às práticas homossexuais e homoafetivas, uma vez que estas são condenadas como transtorno, perturbação, desvio à norma natural que é a heterossexualidade. A essa discriminação convencionou-se a chamar de homofobia.

A manifestação da homofobia pode ir da difamação, injúrias verbais ou gestos obscenos mais óbvios até as formas mais sutis e disfarçadas como falta de cordialidade, antipatia no que se refere ao convívio social, ironia e até mesmo violência física. É nesses exemplos que pode ter a homofobia direta ou indireta, visto que ambas ocorrem diariamente nos ambientes sociais e tem prevalecido nas escolas.

A homofobia existe por causa da incompreensão acerca da homossexualidade e a escola não aparece como uma instância neutra, visto que ela reproduz os ensinamentos e valores da sociedade heteronormativa, onde é visto a violência contra os alunos Lésbicas Gays Bissexuais Travestis, Transexuais e Trangêneros (LGBTs), dentro dela é silenciada, a homofobia é estimulada, pois se atos de discriminação e preconceitos não são julgados e repreendidos para manter a neutralidade da escola, então a violência contra os grupos minoritários é legitimada.

3. A escola e a identidade sexual dos jovens



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Segundo Áries (1981) a partir do fim do século XVII ocorreram mudanças em relação a sociedade e a família, todavia influenciando na escolarização dos sujeitos.

A família tornou-se o lugar de uma afeição necessária entre os cônjuges e entre pais e filhos, algo que ela não era antes. Essa afeição se expressiu sobretudo através da importância que se passou a atribuir a educação. Não se tratava mais apenas de estabelecer os filhos em função dos bens e da honra. Tratava-se de um sentimento inteiramente novo: os pais se interessavam pelos estudos de seus filhos e os acompanhavam com uma solicitude habitual nos séculos XIX e XX (ÁRIES, 1981, p. 6).

O autor ainda acrescenta que a escolarização dos jovens era vista como um fenômeno que apesar de recente era considerado intenso, como constatado nas palavras do mesmo: “[...] sentimento da família e a escolarização intensa da juventude eram um mesmo fenômeno, um fenômeno recente, relativamente datável” (ÁRIES, 1981, p. 6).

Entretanto tal intensidade fazia-se carregada de restrições, normas e segregações. De acordo com Louro (2013, p. 61) “Desde seus inícios, a instituição escolar exerceu uma ação distintiva”. A autora menciona a forma como ocorria tal separação dos sujeitos nas instituições escolares, de acordo não apenas das classes sociais, mas também do sexo: “Ela também se fez diferente para os ricos e para os pobres, e ela imediatamente separou os meninos e as meninas”

Para esclarecer o que convencionalmente chamamos de distinções de papéis sexuais, tendo como base a formação do menino masculino e da menina feminina, onde a diferença entre os gêneros e os papéis sociais desempenhado por cada um deles, nos baseamos no relato de Louro (2013, p. 66): “As escolas femininas dedicavam intensas e repetidas horas ao treino das habilidades manuais de suas alunas produzindo jovens prendadas ” ou “[...] que um rapaz cursou o colégio militar ou que outro estudou num seminário” (p.66)

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Pluralidade Cultural e Orientação sexual, cita que:



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Diante desse aspecto, compreendemos que a escola atualmente tem uma função social divergente da segregação dos sujeitos pelas suas diferenças, “Certamente as recomendações dos antigos manuais foram superados, os repetidos treinamentos talvez já não existam”.

Mas pelo contrário, de aprender com as diferenças, renovar as práticas educativas e metodologias “No entanto, hoje, outras regras, teorias e conselhos [...] são produzidos em adequação as novas condições, aos novos instrumentos e práticas educativas”.

Ao formar primeiramente o conceito de uma identidade de gênero, que abre caminho para a identidade sexual analisamos a instituição da heteronormatividade, e a partir deste conceito enfocamos no surgimento da homofobia por meio do conceito de Borrillo (2010). Já a violência simbólica é analisada dentro da homofobia internalizada através do medo inicial de si mesmo, constituído pelo fato de negar a vontade recém-descoberta com medo da sociedade e do julgamento do outro.

E o papel da escola e o trabalho voltado à identidade sexual dos educandos a qual fazem parte desse espaço?

Sob novas formas a escola continua imprimindo sua marca distintiva sobre os sujeitos. Através de múltiplos e discretos mecanismos, escolarizam e distinguem-se os corpos e as mentes.” (LOURO, 2013, p.66)

Durante as aulas de sociologia em uma turma de 1º ano do Ensino Médio foi constatado uma enorme diversidade, principalmente no que se refere a identidade sexual dos alunos(as), destacando-se principalmente as do sexo feminino que assumiam a homossexualidade, entretanto também havia as que negavam e omitiam tal identidade com receios de cenas preconceituosas de homofobia que eram constantes com as alunas da turma como o repúdio, indiferença, agressões verbais e piadas.

Através das observações contatamos que o preconceito não era apenas na escola, ou melhor, a escola refletia o preconceito já existente na sociedade. As alunas demonstravam que não tinham boa convivência com a família sofrendo até mesmo agressões físicas, como no



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

caso de uma adolescente que foi agredida pela mãe quando descobriu que estava noiva de uma adolescente do mesmo sexo. Os adolescentes acabavam levando suas frustrações e medos para a escola e nela persistia em continuar tais agressões que outrora passavam por despercebidas e/ou invisíveis no espaço escolar, como algo comum e normal onde não havia intervenção perante um cenário etnocêntrico.

3.1 Intervenção do Projeto de Identidade Sexual: Resultados e análises

Diante de tal problemática existente e baseando na importância de discussões sociológicas principalmente no que se refere a realidade dos alunos objeto desse estudo, foi pensado um projeto voltado as discussões de gênero e sexualidade, com o intuito de promover o respeito pelas diferenças e a diversidade na sala de aula, combatendo atitudes homofóbicas e desconstruindo a heteronormatividade tão vinculada na vida dos adolescentes.

O projeto teve duração no primeiro semestre de 2013 e as metodologias utilizadas foram rodas de diálogos, em que os alunos sentiam-se a vontade em relatar situações de violência, preconceito e discriminação por eles presenciadas e/ou assistidas e/ou praticadas. Eram momentos emocionantes e que despertavam a mudança de pensamento perante uma sociedade e escola a qual impregnava as posturas da heteronormatividade.

As discussões foram tão expressivas que os alunos sentiam vontade de socializar os pensamentos e a nova postura relativizadora, sendo também uma forma de apoiar e respeitar as alunas da sala que tanto sofreram preconceito por parte dos alunos da própria turma, como de outras. Diante disso, foi proposta a confecção de cartazes de combate ao preconceito, numa campanha que além de uma cobrança e um processo de ensino aprendizagem, também despertou a criticidade dos adolescentes mediante os paradigmas sociais e escolares, obtendo resultados positivos pela maneira em que foi aprovada pelos sujeitos participantes do mesmo, sendo heterossexuais ou homossexuais, num trabalho conjunto em prol da valorização e do respeito da identidade sexual.

Ao realizar uma breve análise dos painéis produzidos, constatamos que o primeiro retratou a existência de um Brasil livre do preconceito e da discriminação. O segundo grupo



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

abordou a questão da desigualdade social, principalmente no que tange a violência simbólica. Neste âmbito enfatizaram a desigualdade de renda, de cor, de orientação sexual e de gênero. O terceiro cartaz tratou do combate ao preconceito e, para tal enfatizou o amor em suas múltiplas feições. Por fim o quarto cartaz retratou a questão do respeito ao próximo e abordaram questões acerca do bullying, machismo, racismo e a homofobia. Vale destacar, que também fizeram a representação da adolescente e sua noiva a qual enfrentavam preconceito na sociedade e na escola, sendo estas ilustradas como símbolo da luta contra a homofobia e para refletir que a heteronormatividade não se trata de uma norma a ser seguida e sim de uma anormalidade que deve ser questionada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como retrato da realidade brasileira, a homofobia, aparece como uma triste cena assistida no cotidiano das escolas, nesse sentido, pode perceber que no espaço escolar analisado a violência é constante. Fazendo uma relação entre os dados obtidos na pesquisa com os conceitos formulados com base na revisão de literatura proposta no projeto, concluímos que a sociedade heteronormativa atual se encontra baseada por preceitos religiosos e dogmáticos que encobrem a diversidade dando margem à visibilidade da homofobia nas escolas públicas.

A escola que deveria aparecer como espaço de construção de mentalidades abertas em relação à diversidade como proposto nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Pluralidade Cultural e Orientação Sexual, tem demonstrado-se como um local reprodutor da homofobia, constituída por valores de uma sociedade que baseia suas vivências em uma heteronormatividade, que exclui o próximo como o outro a ser silenciado, uma vez que as diferenças raciais, sexuais ou de orientação sexual trazem a tona sentimentos que os adolescentes já não conseguem esconder, e como não se trata de uma escolha são discriminados.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

O fato de não ter um espaço onde os adolescentes possam assumir suas identidades, sem medo ou restrições, levam os jovens muitas vezes a se discriminar e tentar mudar seus sentimentos para ter uma vida sem tormento.

A realidade vivida todos os dias pelos alunos homossexuais que são constantemente afrontados, provocando um isolamento, uma autonegação, ou seja, uma violência simbólica, feita pelos alunos em relação aos homossexuais e feita também dentro da aceitação sexual de cada um desses alunos homossexuais, pois o fato da sociedade manter as “minorias” como “anormais” leva esses jovens a se negar em homossexuais dessa escola e por quererem muito a aceitação da sociedade vivem uma vida dupla.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Julio Groppa (org). **Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1998.

ÁRIES, P. **História social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BLUMENFELD, W. J. In **Homofobia: Causas e Conseqüências**. Disponível em <http://homofobia.com.sapo.pt/internalizada.html>. Portugal, 2002. Acessado em 06/03/11.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BRITZMANN, Deborah. **O que é essa coisa chamada amor. Identidade homossexual, educação e currículo**. Educação e Realidade. Vol. 21 (1), jan/jul. 1996: 71 - 96.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

DAYRELL, Juarez. **Juventude, grupos de estilo e identidade**. Educação em Revista, no 30, 1999, p. 25-39, dez.

FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre; LOURO, Guacira Lopes. **CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE: Um Debate Contemporâneo Na Educação**. Petrópolis: Vozes, 2010.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz (org). **Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: UNESCO, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. **GÊNERO, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____ (org). **O Corpo Educado: Pedagogias Da Sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999 _____. Um corpo estranho. Ensaio sobre a sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. **Os estudos feministas, os estudos gays e lésbicos e a teoria queer como política de conhecimento**. In: “Estudos gays e estudos feministas”, II Congresso Brasileiro de Homocultura, 2004b, Brasília. Disponível em: http://www.geerge.com/mes_redonda.htm Acesso em: 05/04/11.